



Anatomia de uma queda

O melhor filme dos últimos anos está nos cinemas neste momento. Sei que estamos em pleno carnaval e, para uma boa parcela do povo brasileiro, nenhum outro assunto importa, mas vale lembrar que as questões éticas e estéticas da humanidade nunca devem ser de todo esquecidas. Então, vamos lá!

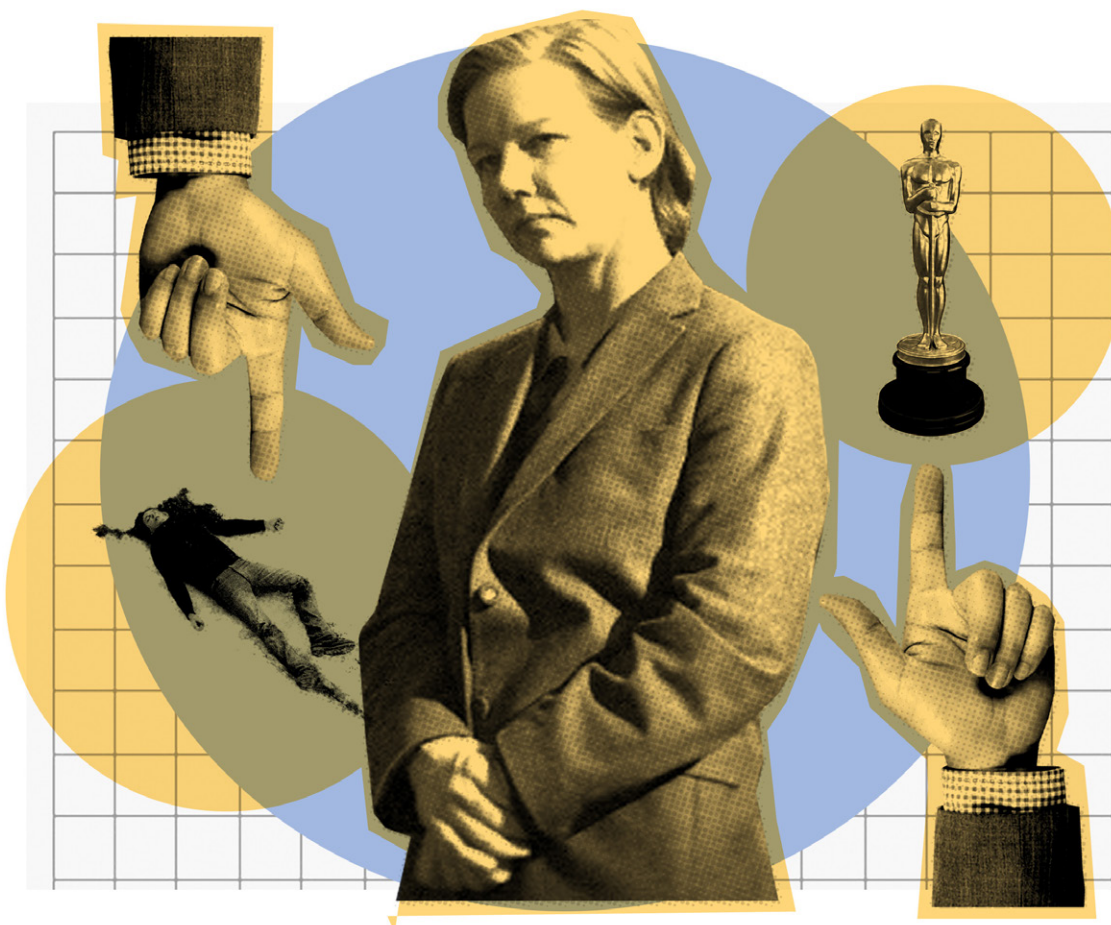
O filme *Anatomia de uma queda*, da diretora e roteirista francesa Justine Triet, aborda a complexidade das relações humanas de forma brilhante e oferece à atriz Sandra Huller um passaporte para o Oscar de melhor atriz, que, na minha opinião, vai ser por unanimidade!

Trata-se de um enredo simples à primeira vista: a morte de um homem que vive com sua esposa e seu filho numa região remota da França, no alto de uma montanha nevada. Ele cai do segundo andar da casa e a polícia precisa descobrir se foi acidente, suicídio ou assassinato.

Pronto, está armado o tabuleiro para um jogo fascinante e perigoso de revelações, distorções, tentativas de induções e conclusões que podem impactar de forma permanente a vida dos que ficaram, mãe e filho, e a memória do que partiu.

Minha maior reflexão a respeito do filme foi em relação à fragilidade do que chamamos de justiça. A seguir, veio a constatação da impossibilidade de se conhecer alguém, mesmo morando uma vida sob o mesmo teto. E, por fim, senti uma impotência enorme diante da busca pela verdade, saí do cinema quase resignada diante da relatividade de tudo, do emaranhado de situações que nos aproximam e nos afastam, transformando constantemente o que está realmente se passando por detrás das paredes que nos protegem da fúria de nossa natureza humana.

Os limites impostos por cada um dos parceiros, geralmente, são considerados saudáveis. É como se criássemos barreiras para protegermos nossa identidade numa relação de casamento a longo prazo, mas tais paredes acabam por esconder o que há de mais frágil, muitas vezes mascarando angústias e frustrações que só são expostas quando atitudes extremas são tomadas. Estou fazendo esforço para analisar o filme sem dar spoiler, mas vou logo adiantando que sai fumaça da cabeça do espectador, à medida que



as cenas vão se desenrolando.

Sobre o sistema jurídico, fiquei matutando e acabei desanimada, despida da ilusão de proteção associada à ideia de que as formas como nos organizamos, baseados em cumprimento de leis, faz algum sentido. Pelo menos no âmbito da intimidade, nosso sistema judiciário é verdadeiramente incapaz de funcionar, simplesmente porque a alma humana é insondável.

Somos seres ambíguos e precisamos aprender a conviver com a dúvida... ou aceitarmos injustiças sendo legitimadas pela narrativa que prevalecer por meio da manipulação de opiniões. Uma cena em especial me encantou. Nela, as evidências foram analisadas de formas opostas pelos peritos. Assim, quem acusa e quem defende desviam a atenção de quem julga de acordo

com sua necessidade de aprovação.

E mais — estou ainda pensando — com que direito julgamos as pessoas?

Fico observando os cancelamentos e os julgamentos sociais...

O roteiro do filme foi cuidadosamente elaborado de forma a nos engolir, de tão verossímil e complexo. Saí tonta do cinema.

Para finalizar, afirmo que o cachorro do filme também merece Oscar e que a calma com que a personagem encarou cada momento só foi possível por ela não ser uma mulher latina... mas isso é assunto para uma crônica inteira, que devo publicar na próxima semana.

Enquanto isso, espero que o amigo leitor corra para o cinema mais próximo, pois, na próxima crônica, não irei poupar ninguém do spoiler.